

L · E · T · U · R · A · S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 06 Brasília, 08 de junho de 1963

Lei Orgânica do Distrito Federal

CÂMARA LEGISLATIVA

Lei Orgânica do Distrito Federal

A lei do povo

Lei Orgânica do Distrito Federal

Lei Orgânica do Distrito Federal

Lei Orgânica do Distrito Federal

Autonomia nasce com JK

Pág. 3

500 anos de evangelização

A aniquilação do referencial simbólico dos povos indígenas

Luís Rocha

Nos 500 anos de Evangelização, é preciso retornar ao essencial rico e exclusivo do Evangelho. A consciência latino-americana, historicamente oprimida, está marcada pela negação e pelo trauma. E isso pode ser explicitado no exemplo do índio, do negro e do pobre.

Mas, fiquemos com o índio que, além de ser o ente presente no momento da conquista, tem na história do seu massacre todos os elementos necessários à compreensão de uma Evangelização que foi errada.

Não há entre os historiadores de maior renome e reputação grande divergência sobre os fatores motivadores das descobertas que, entre nós, tomam o nome de conquista. Por muito tempo se indagou o que trouxera Colombo e Cabral à América: o ouro ou a fé? Hoje, está claro que as duas razões se conjugam, mas com peso e valores diferentes. O interesse e a glória dos reis católicos estavam de fato no ouro. A fé, no contexto das conquistas, entra mais como pano de fundo ideológico. Para os nativos, os homens brancos chegavam em nome de outro senhor e outro Deus mais poderosos. E suas intenções eram conquistar a terra, dominar os gentios, ensinar-lhes a língua e plantar a "fé".

Observe aqui o quanto é sintomático essa postura de "ensinar-lhes a língua e plantar a fé". Isso já revela um posicionamento presunçosamente superior de quem chega. Sem convite. Isso já começa a estabelecer uma relação de dominador e dominado. E assim será durante todo o processo de conquista. As relações estabelecidas com o outro modificam-lhe não só a realidade da natureza e da cultura, mas também altera o próprio ser do homem, porque lhe altera as referências simbólicas.

Quando o europeu, branco ou loiro, civilizado e cristão, aporta no litoral americano, seja nas Antilhas, seja no Brasil, há nele um certo espanto e regozijo. Um deslumbramento. A exuberância das florestas. O colorido dos pássaros e animais. Os homens e mulheres, livres e



Na cartografia do Séc. XVII, a concepção distorcida mas não muito distante da realidade latino-americana. (Mapa de Antônio Sanches, 1641)

como se estivessem no paraíso perdido. Tudo é permitido, tudo é bom. As mulheres os fascinam. O europeu fica obcecado. O europeu está ao mesmo tempo deslumbrado e chocado, pois a sua "razão" européia é a do interesse e a da moral cristã de mortificação dos corpos e purificação da alma. Todos os relatos de navegadores da época insistem nesses aspectos. A exuberância do lugar, o nativo selvagem, exótico, inocente. A festa que fazem bichos e homens junto à natureza. Mas, com a chegada do colonizador é o início do fim da festa e da repartição. É o começo de um novo tempo, com desdobramentos até nossos dias. Um tempo de opressão e negação de tudo que somos.

No processo da conquista, o branco vê o exótico, a gente inferior. Na sua ação está a dominação cultural, a dominação pela arma. A nega-

ção da pessoa no outro. A negação do sujeito no outro. A transferência do referencial simbólico. A destruição do ser.

Do outro lado, temos a visão e as ações do nativo. O estrangeiro loiro do mar é um deus ou seu representante. É o que vem de onde o sol nasce. Mágico e cheio de poder. Aliás tudo isso são elementos da cultura religiosa dos Astecas, no México, e dos Incas, no Peru. Também no Brasil, o mito religioso de algumas tribos faziam referências à chegada de seres míticos e de caráter divino.

Isso contribui muito para a estratégia do saque e espoliação comandada pelos conquistadores. A diferença já está estabelecida, posto que o estrangeiro olha o nativo como ser inferior.

Em cada gesto, em cada ação vemos a destruição do referencial simbólico. Sobre tudo o religioso dos povos

autóctones. E o ser, a essência do homem, repousa no nível do universo simbólico. É nisso que ele se define e revela. E nessa empreitada da conquista, os religiosos tiveram um papel importante. Não raro, as suas pregações quando não precediam o uso das armas, justificavam a carnificina. Afinal, o índio não podia ser dono de nada. Era bárbaro, selvagem, inculto. Desconhecia qualquer conceito de propriedade. Parecia não cultivar nenhuma religião. Viviam ao léu e pareciam também não praticar nenhuma moral.

Na história da conquista, as armas abrem caminhos e os turíbulo queimam incenso. O poder do rei é sagrado e poderosa é a "fé".

Quando, no dia 26 de abril de 1500, o comandante português, Pedro Alvares Cabral, faz celebrar a primeira missa no Brasil, não havia ali o conagração dos povos. Não havia nada que dignificasse o nome de Deus. Cabral mandara plantar o símbolo da fé, a Cruz de Cristo, primeiro como ritual de posse da nova terra. Depois, ordenara aos marinheiros, degradados, que a venerassem, para que os nativos aprendessem essa arte. A doutrina ficaria para depois. Os seis frades franciscanos capuchinhos que vieram com a frota de Cabral retornaram à Europa. Mas ficaram aqui, como os primeiros catequistas, os marinheiros degradados. Os perversos que a civilização cristã européia recusa e deporta.

A simbologia da cruz e toda a simbologia do cristianismo ideológico servem de instrumento para a alteração do universo simbólico do indígena e, consequentemente, para a dominação. A "razão" européia parecia saber disso, ainda que intuitivamente, pois embora não a tivesse formulado, enunciava, de todas as formas, nas suas decisões e práticas.

Não menos cruel é a história de conquista da América espanhola. O curioso é que antes de chegar às Antilhas, em 1492, Colombo travara longa discussão para convencer doutores do Tribunal do Santo Ofício das vantagens do empreendimento que propunha. Convencê-los

do projeto cristão, da intenção de tornar cristã a terra dos ímpios. Convencê-los da necessidade de riqueza e glória, em nome da fé.

Os sábios religiosos de Salamanca já estavam, na verdade, convencidos disso. Desde as primeiras cruzadas. A resistência inicial ao projeto devia-se, de fato, ao pavor de ver negada a milenar verdade teológica, defensora da idéia de que não era possível viver numa terra redonda, e que existissem do outro lado de uma circunferência homens de pernas para o alto e cabeças para baixo.

Mas Colombo vencera. Primeiro tentou o rei de Portugal, que negou-lhe ajuda. Mas obteve sucesso junto aos reis católicos da Espanha. Com uma pequena esquadra, composta apenas de três veleiros, Colombo se lança ao mar desconhecido. A tripulação apavora-se com a possibilidade de uma viagem sem volta. A queda repentina num abismo. Ou quem sabe serem engolidos pelo gigante Adamastor de que nos fala Camões. Mas ao medo venciam com a esperança de descoberta de ouro e prata. O próprio Colombo, sábio e experiente, os motivava com a promessa de muitas riquezas. A fé já estava em segundo plano.

Colombo descobriu. Fernão Cortés (1519) e Francisco Pizarro conquistaram e dizimaram.

Os navegadores europeus já conheciam a exuberância dos litorais. Por toda a Europa circulavam muitos relatos, histórias e lendas. O que surpreendeu, de fato, a Cortés foi encontrar no interior do continente uma civilização esplendorosa. A cidade do México (Tenochtitlán). A civilização Asteca. Tudo muito solene e nobre.

O estrangeiro loiro, montado e armado, entra na cidade. A recebê-lo um glorioso cerimonial de recepção. À frente de todos nativos, o líder Montezuma. O Deus dos Astecas. Os dois chefes se encontram. E a diferença mais uma vez se estabelece. Um, a cavalo e armado. O outro, o que é Deus para o seu povo, beija o solo para o desconhecido que chega.

Como no Brasil anos mais tarde, houve aqui as trocas de presentes. E nisso vemos de novo como o referencial simbólico de cada cultura define e revela o homem. O nativo dá de si quando oferta aquilo que é precioso na sua cultura. O estrangeiro retribui com o supérfluo e fútil. Nessa troca não importa o valor dos presentes, mas a função simbólica de cada um. O nativo se dá no que oferece. O estrangeiro parece zombar no que retribui. Quem sabe não está aqui a gênese de fraterna hospitalidade latino-americana.

Algumas noites depois, a moral e a fé europeia disseram a que vieram. Quando os Astecas estavam estrategicamente encurralados no seu grande templo, deu-se o mais hediondo dos massacres. Mais uma vez eram os homens brancos que viam em nome de outro se-

Um painel dos 500 anos da Evangelização, na visão do missionário belga, Ir. Hugo Verhulst.

nhor e outro Deus mais poderosos.

Mais ao sul, Francisco Pizarro continuou o trabalho de conquistar terras e dominar povos. Impiedoso, aproxima-se da cidade de Cuzco, no Peru. Mas os Incas, outra grande civilização, já tinham conhecimento das barbaridades ocorridas em Tenochtitlán contra os Astecas.

Os Incas sabiam também que não poderiam resistir às armas que cospem fogo. Restavam-lhes a alternativa da fala sábia e inteligente.

O Rei de Cuzco, chamado Atahualpa, vem ao encontro de Pizarro. O estrangeiro vai apelar para o mesmo artifício. Penetrar no universo simbólico do indígena, alterá-lo, e depois, quando houver chance, executá-lo ou escravizá-lo. Para isso, o

colonizador contava sempre com o padre que vinha para evangelizar, cristianizar e batizar aos pagãos. O encontro desses dois chefes revela isso.

Pizarro tinha em sua companhia um índio que servia de intérprete e, há algum tempo, acompanhava as tropas espanholas. Acompanhava-lhe também o frei dominicano Vicente de Valverde.

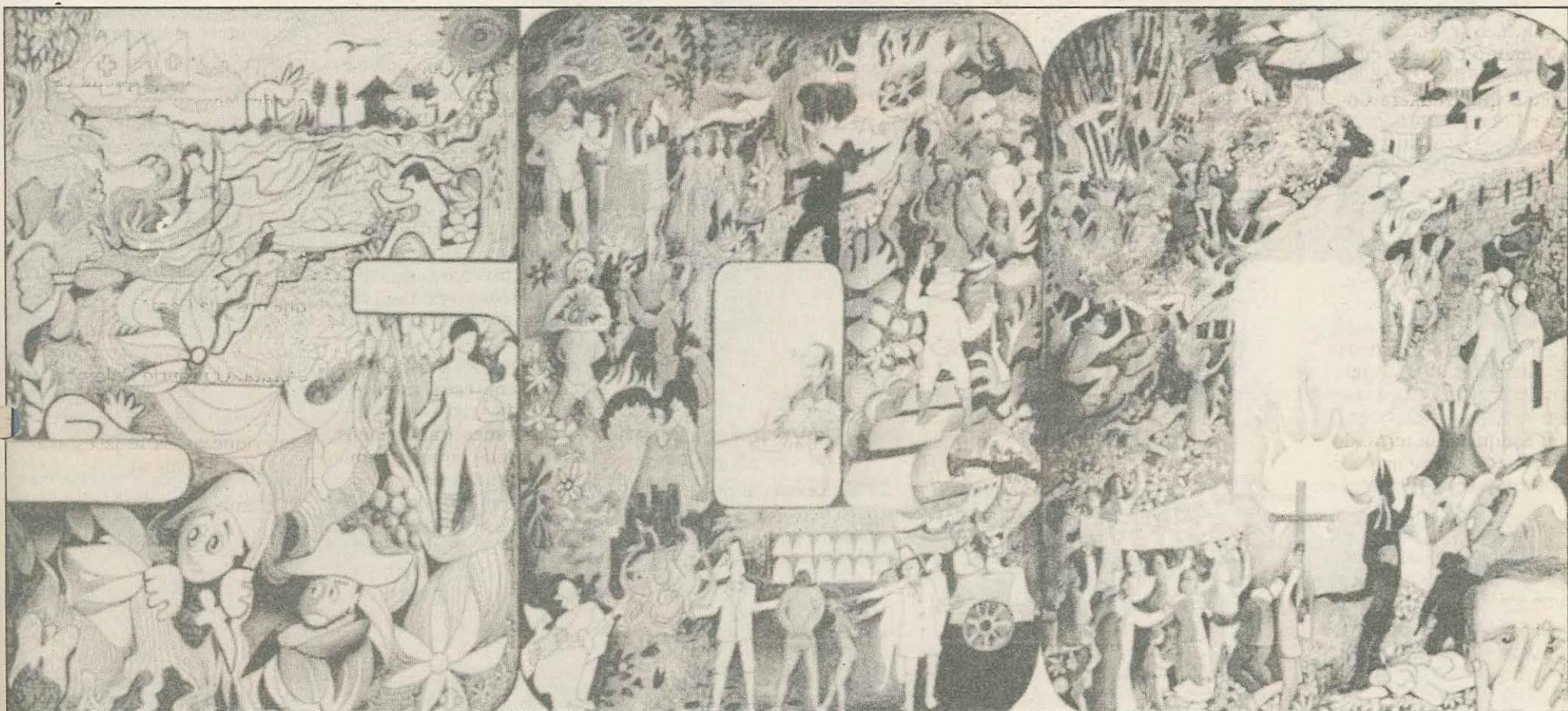
Pizarro apresentou-se ao Rei de Cuzco como embaixador de um grande senhor, que devia ser amigo daquele povo. O Inca respondeu majestosamente que acreditava ser o estrangeiro enviado de um grande senhor, mas que não era preciso a amizade, porque ele mesmo — Atahualpa — era um grande senhor. Nisso, o frei Vicente de Valverde, com uma cruz na mão direita e o breviário na

esquerda intimou o Inca a adorar a Deus, o Evangelho e a Cruz, porque todo resto era falso. Atahualpa respondeu que ele não adorava outro senão o sol, que nunca morre. O Inca também quis saber de frei Vicente quem lhe ensinara as coisas que pregava. Diante de tais palavras, frei Vicente falou-lhe do Evangelho. O Inca, então, pegou o livro, folheou e lançou-o fora, dizendo que o livro não falava nada para ele. Frei Vicente, aos berros, conclamou os soldados espanhóis: "Aqui, cavaleiros, acabai com estes índios gentios, que são contra a nossa fé". Estava dado o sinal para a dizimação de mais um povo.

A título de uma conclusão, a história de Evangelização da América Latina, pelo menos no seu início, não está dissociada da história da conquista e dominação. Des-

sa história, há desdobramento na sociedade como um todo. E mais particularmente, há desdobramento na própria Igreja. Assim como os primeiros colonizadores, que após o deslumbramento inicial passaram a matar a vida que havia na festa que faziam bichos e homens no seio da natureza, e em convívio harmonioso com ela, também não estaríamos nós, diante de algumas comunidades, reproduzindo a mesma estratégia?

Devemos nos questionar para saber se, ainda hoje, não estamos alterando o referencial simbólico de algumas comunidades. Se não temos no relacionamento pessoal a mesma presunção da superioridade. Ou ainda, se como os colonizadores da civilização branca de 500 anos atrás, não estamos também arraigados ao princípio da superioridade do



ocidente: nós possuímos a verdade, nós devemos anunciá-la.

Será que, como desdobramento do que vimos, cada Igreja particular desta América Latina tem seus próprios mecenas e senhores, de quem são enviadas, para a conquista de novas almas? Por que ou por quem os turbos hoje queimam incensos?

Será que a Lumen Christi e a Evangelização 2000, na Igreja Católica, e as seitas

que por aí proliferam, procuram as sementes do Reino em nossas culturas? Ou, como outrora, a "Nova Evangelização" traz consigo novos interesses econômicos?

Deus está entre nós? Há sementes do Reino em nossas culturas, ou novos deuses e senhores nos chegam mais uma vez do Leste e, quem sabe, do Norte?

Os loucos, os bêbados, as crianças, as prostitutas, os negros, os índios, os velhos, os sem-terra, os sem-teto, os

empobrecidos e miseráveis têm em comum uma coisa: eles têm seu referencial simbólico ou aniquilado, ou incompleto, ou sufocado e impedido de se manifestar.

Por que nos custa admitir que o Verbo também possa se servir desses "selvagens modernos"? Por que muitas vezes nos opomos às diversas religiões e pensamentos, às diversas Igrejas Particulares, ao invés de buscar o que temos de comum?

Quando, na América Latina, ou em nossos países, nos

negamos uns aos outros, não estaríamos reproduzindo muito do que vimos nas ações e palavras dos conquistadores? Não teríamos nós o complexo da totalidade: nada nos falta, Deus nos disse tudo?

As tentações do caminho fazem parte da nossa rotina e opção. Na sociedade moderna, por sua complexidade, não se pode vencê-las apenas com o requisito da fé. Este é primordial. Mas não é tudo. É preciso preparar-se. A história da conquista e seus desdobra-

mentos, hoje, demonstram a necessidade de retornar ao essencial rico e exclusivo do Evangelho. Do contrário, não estaremos aptos a entender e a respeitar um pouco o sopro criador do Espírito. Nem imaginá-lo possível em outras culturas e religiões. Nem admiti-lo no outro. "Se eu não me for — diz Jesus — o Espírito não virá" (Jo, 16,7). Deixemo-lo vir.

*Luís Rocha, assessor técnico/jornalista, é editor-executivo do DF-LETRAS e do Diário da Câmara Legislativa. O presente artigo é fruto da sua experiência de 14 anos, como assessor da 'Cântica Brasileira', organismo da CNBB.

LEI ORGÂNICA DO DF



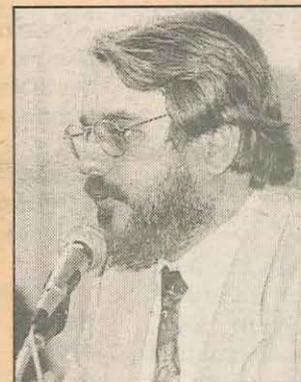
Agnelo Queiroz-PCdoB



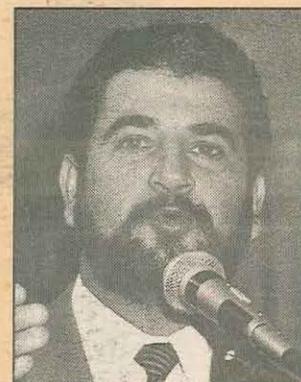
Aroldo Satake-PP



Benício Tavares-PP



Carlos Alberto-PPS



Claudio Monteiro-PDT



Edimar Pireneus-PP



Eurípedes Camargo-PT



Fernando Naves-PP



Geraldo Magela-PT



Gilson Araújo-PP



Jorge Cauhy-PL



José Edmar-PFL



José Ornellas-PL



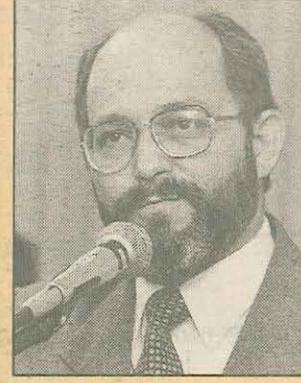
Lúcia Carvalho-PT



Manoel Andrade-PP



Mª de Lourdes Abadia-PSDB



Maurílio Silva-PP



Padre Jonas-PP



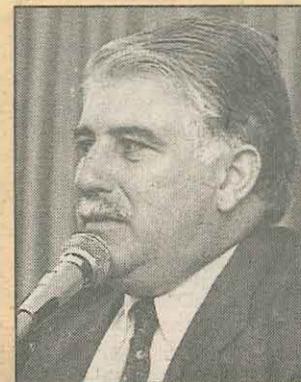
Pedro Celso-PT



Peniel Pacheco-PTB



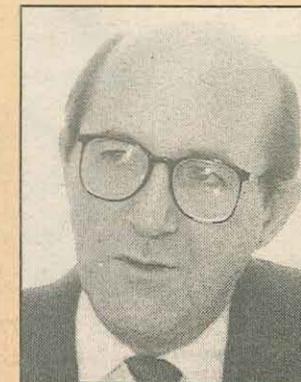
Rose Mary Miranda-PP



Salviano Guimarães-(Sem partido)



Tadeu Roriz-PP



Wasny de Roure-PT

Eles assinam embaixo

CONTRATO Nº 3956/ 91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO